

## METAMORFOSEANDO O Esvaziamento Existencial

## METAMORPHOSING THE EXISTENTIAL EMPTINESS

DOI: [https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v26n1\\_a11](https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v26n1_a11)

Patrícia Pilar Farias  
Luizir Oliveira

**RESUMO:** O estudo fundamenta-se na relação entre Literatura e Filosofia e ao enveredarmos na interlocução entre estas apresentamos uma confluência na qual a Literatura não é apenas um meio ilustrativo para representar alguma corrente filosófica, mas relacionar o discurso de ambas para que assim, seja possível pensar no existir humano. E para isso, nos dedicamos ao estudo da obra *A metamorfose* (2018), de Franz Kafka. A pesquisa, de caráter bibliográfico que se apoia nas reflexões de Hans Ulrich Gumbrecht (2010) e Martin Heidegger (2010, 2012), Com a análise foi possível constatar que o texto literário é um espaço que permite a percepção entre o diálogo da compreensão do meio, vivenciada pelo homem, em face do/diante acontecimentos do mundo.

**Palavras- chaves:** Esvaziamento existencial; Produção de presença; Kafka; *A metamorfose*.

**ABSTRACT:** The study is based on the relationship between Literature and Philosophy and as we enter into the dialogue between these we present a confluence in which Literature is not only an illustrative means to represent some philosophical current, but also a but relate the discourse of both so that it is possible to think of human existence. And for this, we dedicate ourselves to the study of the work *The metamorphosis* (2018), by Franz Kafka. The research, of bibliographic character that is based on the reflections of Hans Ulrich Gumbrecht (2010) and Martin Heidegger (2010, 2012), With the analysis it was possible to verify that the literary text is a space that allows the perception between the dialogue of the understanding of the environment, experienced by man, in the face of/before world events.

**Keywords:** Existential emptiness; Production of presence; Kafka; Metamorphosis.

## **Considerações iniciais**

Este estudo fundamenta-se na dialogicidade entre Literatura e Filosofia, compreendendo que o diálogo é um processo presente na existência humana e, por meio dele, o ser humano pode contemplar as percepções sobre si e o mundo. Demonstramos as dimensões da ação e da reflexão entre Literatura e Filosofia, em uma perspectiva gumbrechtiana, que apresenta a relação espacial com o mundo e seus objetos, como anterior à significação que construímos a partir da nossa percepção nessa experiência.

Dessa forma, o entendimento do texto literário, atrelado ao pensamento filosófico, viabiliza trajetos para que possamos refletir a respeito da condição humana. A fim de nortear esta pesquisa, a respeito dessa imbricação entre Literatura e Filosofia, elegemos como objeto de estudo a obra *A metamorfose* (2018) de Franz Kafka. O escritor tcheco, nasceu em Praga, em 1883, e cresceu sob a influência de três culturas: a tcheca, a judaica e a alemã. Formou-se em Direito e, junto com outros escritores da época, fundou a Escola de Praga, que proporcionou uma criação artística alicerçada no Realismo, com inclinações metafísicas. É possível encontrar em suas obras temas que retratam a ansiedade, a alienação, a impotência perante uma sociedade burocrata e opressora e a perda da razão ou identidade do homem.

## **Existencialismo: uma perspectiva heideggeriana**

Uma das origens do existencialismo encontra-se na fenomenologia, esse termo foi criado no séc. XVIII pelo filósofo J. H. Lambert (1728-1777), designando o estudo puramente descritivo do fenômeno, tal qual ele se apresenta à nossa experiência. O movimento culminou para a fomentação do pensamento existencialista do século XX. A palavra fenomenologia surgiu, a partir do grego *phainesthai* que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e *lógos*, um substantivo que quer dizer "explicação" ou "estudo". Entendemos, assim, a fenomenologia como o estudo dos fenômenos e de como eles se manifestam através do tempo ou do espaço.

Além disso, a corrente filosófica fenomenológica fundada por Husserl (1859-1938) visava estabelecer um método de fundamentação da Ciência e de constituição da

Filosofia como ciência rigorosa. O processo fenomenológico se define como uma “volta às coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência e que se dá como seu objeto intencional. O conceito de intencionalidade, por sua vez, ocupa um lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, voltada para o mundo.

Husserl apresentava a representação do mundo pela mente, isto é, a investigação acerca do mundo não acontecia na coisa em si mesma, mas na representação dela na mente humana. Para o referido autor, o homem não deveria buscar o objeto em si, pois não poderia ser alcançado e muito menos provar a sua existência. Ao sujeito caberia dedicar-se unicamente à representação do objeto na mente.

Os elementos da Fenomenologia, apresentada por Husserl, têm como base compreender os fenômenos tais como são, sem depender do conhecimento de sua natureza essencial, posto ser esta construída na consciência, a partir da relação com o fenômeno observado. Pode-se dizer que, não há uma essência primeira das coisas, mas, tão somente, coisas mesmas que são significadas/compreendidas pelo sujeito que as apreende. A este cabe colocar tudo aquilo que traz consigo, todos os conhecimentos prévios das coisas “entre parênteses” (*epokhé*). O que Husserl propõe é que, o sujeito que deseja conhecer coloque de lado os seus “pré-conceitos”, “pré-julgamentos”, “pré-concepções” e volte-se às próprias coisas, a fim de poder compreendê-las como se mostram no mundo, sem impingir-lhes sentidos prévios. Assim, é que se opera uma modificação na visão metafísica da realidade, em vez de se partir de uma “essência” anterior para explicar aquilo que aparece na realidade, far-se-ia o caminho inverso, das coisas dadas presentes no mundo, extrair-se-ia sua essência.

Nesse contexto, o existencialismo faz referência a um conjunto de tendências filosóficas que têm a existência humana como ponto de partida e objeto fundamental de sua reflexão. Nas décadas de 1940 e 1950, esse termo surgiu como uma resposta às tragédias vivenciadas pela Europa, durante a Segunda Guerra. Essa linha de pensamento influenciou as grandes produções dos intelectuais, a exemplo da poesia, dos romances, do teatro, das produções cinematográficas e das demais manifestações culturais da época. As filosofias existenciais surgiram no século XX, mas sofreram

influências de alguns filósofos do período anterior, como, por exemplo, Søren Kierkegaard, Artur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

Para o existencialismo, o homem não deveria se prender a esperança futura e nem a vida após a morte, mas no sentido da sua vida, através de episódios do cotidiano. Também se faz necessário compreender que, no existencialismo, o termo existência não é sinônimo de ser. Existir é uma maneira específica de ser relacionada ao homem, pois, o ente não possui sentido, *a priori*. Existir implica a relação do ser humano consigo mesmo, mas também com outros seres humanos, com objetos culturais e com a natureza. O ser humano pode ser entendido como uma realidade aberta, imperfeita e inacabada, que foi “lançado” no mundo.

Diante disso, reiteramos que Heidegger diferencia o ser dos entes (do latim *ens*, que significa ser) para distinguir o homem dos demais entes, afinal, o homem é o único que pode se questionar sobre o sentido do ser. Essa indagação é o modo que o diferencia dos demais entes. Acerca disso, o referido filósofo afirma: “O perguntar mesmo tem, enquanto conduta de um ente, daquele que pergunta, um peculiar caráter de ser”.<sup>1</sup>

Heidegger (2012) apresenta em sua obra uma análise existencial fundamentada na ontologia, ou seja, busca as determinações essenciais do ser dos entes. Para ele, a conotação de Ser é mais universal, pois ela está atrelada à vida cotidiana no mundo, porém, a compreensão requer desdobramentos, afinal, com o passar do tempo, a discussão sobre o ser fragmentou-se e conseqüentemente, houve um obscurecimento sobre a questão do ser.

Ao nos perguntarmos o que é o Ser, indagamos previamente acerca de uma compreensão nossa de Ser. Na filosofia ocidental, o Ser é concebido como um dado, ou seja, é visto como manifestação no ente, e conseqüentemente vem sendo compreendido como um ente entre outros entes. Ao entificar o ser, temos um caráter de imutabilidade e de essência fixa.

O homem é a existência, e sua essência consiste nesta. A essência da existência é a possibilidade do homem de definir-se, de construir-se, podendo perder-se ou conquistar-se, ter uma vida autêntica ou uma vida inautêntica e, assim, de acordo com as escolhas feitas, a vida humana pode ser apócrifa ou legítima. A vida inautêntica é aquela

---

<sup>1</sup> Heidegger, 2012, p. 35.

em que o sujeito se prende às coisas em si mesmas, sem considerá-las como instrumentos que o levarão para um projeto maior. Como explica-nos Inwood:

A existência inautêntica é momento fundamental para o desvelamento do ser. Ser é o que ao mesmo tempo se mostra e esconde no acontecimento da verdade. Desta forma, não existe mentira, o ser nunca mente sobre si mesmo, ele se mostra velado. A existência nunca é uma vivência estática, ela está sempre em movimento. Quando ocorre um desvelamento do ser ele nunca pode ser mantido eternamente desta forma, existe sempre o retorno, o velamento. Só é possível chegar a uma existência autêntica vivendo, ou seja, no mundo. O mundo é o lugar onde o *Dasein* se realiza enquanto desvelamento. A verdade é vista por Heidegger, como o desvelamento do ser, ou seja, o ser-no-mundo. A manifestação do *Dasein* é a abertura, o descobrir, abrir, explorar o mundo enquanto constituído de entes.<sup>2</sup>

Do que foi exposto acima, podemos compreender que, segundo o pensamento heideggeriano, o homem era um *Dasein*, ele ressignifica essa palavra para a expressão ser-no-mundo. “Ser” e não “Estar”; no sentido de existência e coexistência e não de permanência ou passagem. Ao usar esse termo, o filósofo quer dizer que, o homem é um ser que está no mundo e em relação íntima com ele. O homem, enquanto ser-aí, estando no-mundo, não é apenas um objeto, pois ele tem a capacidade de transcender a existência, afinal, não basta apenas existir, é preciso transcender para encontrar-se e ultrapassá-la, projetando-se, indo além do que está posto para se construir enquanto ser.

No aspecto cotidiano, a vida humana pode ser vista como uma forma inautêntica, porque é regida pela facticidade, a existencialidade e a decadência. No cotidiano, o homem é visto como um ser lançado no mundo, e, atrelada a isso, temos a objetivação do ser sobre aquilo que ainda não é. Com isso, temos as preocupações relacionadas à cotidianidade, que leva o ser a desviar-se do seu projeto essencial que é de tornar-se ele mesmo e, conseqüentemente, há a alienação. E, em meio a esse conflito da existência, se instala a sensação de vazio, vácuo, fazendo com que o homem pense que é como tal, desprovido de potencialidade emocional. O desacreditar proveniente da incapacidade de fazer algo a respeito da própria vida e do mundo no qual se está inserido, faz com que o oco interior seja um acúmulo de influências de incapacidade que se projeta no ser, contaminando os que estão ao redor.

---

<sup>2</sup> Inwood, 2002, p. 40.

O mundo para o ser-no-mundo é compreendido como o espaço em que se realiza fenomenológica e existencialmente, especializando, assim, a compreensão que o homem não está dentro ou fora do mundo, mas em uma condição fenomenológico-existencial do ser. O ser-no-mundo é existencial.

Isso significa que ser-no-mundo integra o todo estrutural (=existencialidade) do ser-aí ao passo em que este existe. Ser-no-mundo é o existencial que indica como o ser-aí é no espaço constitutivo do mundo e, em verdade, é enquanto ser-no-mundo que já sempre encontramos o ser-aí, isso quer dizer que ser-aí é sempre no aí do que o mundo constitui. Tal como advertimos que sobre o fato de o ser-aí não deve ser interpretado como um ente dado de antemão, alertamos agora que também não devemos tomar o mundo como um lugar empiricamente constituído, ou, dizendo categoricamente: o mundo não é um local físico onde o ser-no-mundo estaria alocado ou de alguma forma contido. Assim, o laço de ser-no-mundo com seu mundo não é – em absoluto – uma relação de continente e conteúdo, isso porque mundo é, antes, um espaço fenomenal intencionalmente aberto.<sup>3</sup>

O ser-no-mundo no mundo é um ser-lançado-em-um-mundo que lhe é familiar, compreende-o e mantém sua existência nesse espaço e esse processo permite que ele tome consciência de si. Deste modo, podemos aproximar as propostas de Heidegger, no que diz respeito à concepção do Ser no mundo, bem como demonstrar que o caráter da obra de arte pode auxiliar no desvelamento desse Ser no mundo. Isto nos permite tecer uma ponte com as propostas existencialistas e, dessa maneira, buscar compreender o desenlace da relação ser-no-mundo, fundamental para a leitura que propomos do texto de Kafka, objeto da nossa investigação.

Diante do exposto, a respeito da perspectiva existencialista heideggeriana, é possível pensar na obra *A metamorfose* (2018) a partir da relação do ser com o mundo e, com isso, podemos analisar as ações desempenhadas pelo protagonista. Voltemos a Kafka:

-Ah, meu Deus! – Pensou. – Que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, sai dia – viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e, além disso, me é imposta essa cansaça de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso!<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Kahlmyer-Mertens, 2015, p. 85-86.

<sup>4</sup> Kafka, 2018, p. 8.

O fragmento do texto de Kafka possibilita refletir sobre o caráter de descontentamento que marca a vida de Gregor Samsa, mas que parece aprisioná-lo em uma situação desconfortável. Essa situação abre caminhos para que o leitor possa refletir a respeito da condição humana mediante a sociedade. A provocação feita por Kafka pode fazer com que a percepção do leitor acerca de relação cotidiana se amplie que suas perspectivas segundo seu *star* no mundo multipliquem-se. Isto pode fazê-lo refletir sobre a existência humana como um fator para a ressignificação da vida, compreendendo o homem como um ser pertencente à cotidianidade, sendo capaz de interpretá-la de maneira significativa.

Contudo, a busca pela consciência de si mesmo é repleta de ansiedades e incertezas, e as ações que fazemos diariamente, a partir das nossas escolhas, fazem com que fiquemos à mercê do desamparo fundamental do existir. A consciência do existir ocupa um lugar de centralidade na tendência existencial. É, a partir da consciência, que o homem pode ter a percepção de si como protagonista e não apenas como mais um objeto do mundo. O ato de escolha é imprescindível para o existir.

Gregor Samsa estava diante de uma situação em que seu pai, que estava aposentado e sua mãe com saúde frágil, e, com isso, tornou-se o provedor da família. Gregor Samsa tenta manter os valores da família de classe média. Ele assume a responsabilidade de uma dívida do seu pai, e, para saldá-la, teria que trabalhar mais cinco ou sei anos. Quando assume a dívida, ele está diante de uma escolha, apesar de termos a possibilidade de pensar que ele não teve escolha, mas o ato de se estar na situação torna-se uma escolha. Assumir as consequências dos atos é uma proposta desafiadora, mesmo compreendendo que o homem seja livre para tais fatos, a necessidade de escolha traz consigo uma grande angústia.

Heidegger (2012) postula a respeito do “ser- no- mundo”, que o homem é o único ser capaz de refletir sobre o mundo enquanto espaço construído por ele, depreendemos, então, que o homem se relaciona com os outros homens e com a instrumentalidade dos objetos, sendo assim afetados e transformados por estes.

A percepção e compreensão de “ser- no-mundo” traz consigo o vazio existencial que é a sensação de não conseguir ver uma razão satisfatória para a vida. A angústia

está atrelada diretamente a esse vazio, esta é uma característica fundamental da existência humana, pois é através dela que o homem desperta para a consciência de vida. Quando há esse despertar, é possível perceber que ela não tem sentido ou uma finalidade. É na angústia que percebemos o nada como uma sombra que paira sobre todas as coisas. De acordo com Heidegger (2012), a angústia revela o ser para o poder ser, pois a angústia leva o *Dasein*<sup>5</sup> para o ser livre.

A angústia é a estrutura fundamental que dá condição ao *Dasein* de ir rumo à autenticidade, pois é através dela que ele pode se livrar do peso imposto pela cotidianidade e o impessoal. Heidegger enfatiza “A angústia revela o ser para o poder ser mais próprio, ou seja, o ser livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo”.<sup>6</sup> Ao relacionarmos a angústia com um fator para o desvelamento do “ser-aí”, podemos pensar na obra “A metamorfose” como uma forma para retratar as transformações do homem para se enquadrar na sociedade. Essa metamorfose vai além do sentido alegórico, pois, apresentada como uma metáfora, possibilita a reflexão do homem sobre si mesmo e, sobretudo, a sua percepção mediante um conflito externo e interno vivenciado em um período conturbado de guerra, pois a obra *A metamorfose* foi escrita entre 1914 e 1915, momento que revela conflitos políticos, econômicos e sociais dos quais ocasionaram a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Tratado pelo autor como “tempos interessantes” na medida em que configuram-se, a partir de um conjunto de fraturas sociais e políticas que demarcam novas formas de conceber o tempo, o historiador Eric J. Hobsbawm aponta no fragmento, a seguir:

[...] A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas das guerras mundiais, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra mundial de 31 anos [...].<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Heidegger utiliza a palavra *Dasein* para designar o manifestar do ser nos humanos. Assume um papel fundamental em suas obras, pois o *Dasein* é o único ente capaz de se perguntar: O que é o ser? (p. 99-112). Esta nota não faz sentido aqui. Se vai utilizá-la coloque na primeira vez em que o termo aparece... aqui ela não faz mais sentido. Você já explicou...

<sup>6</sup> Heidegger, 1986, p. 252.

<sup>7</sup> Eric J. Hobsbawm, 1995, p. 30



Através desse fragmento é possível perceber como a sociedade do século XX vivia. Esse período é marcado pela incerteza, isto é, o homem moderno passou a se questionar sobre a confiança na racionalidade e nos avanços tecnológicos, revelando assim a angústia diante da presença das guerras mundiais.

Mediante a todo esse conflito interior e exterior podemos pensar na transformação de Gregor Samsa atrelado a angústia. Ela abre-se para o homem como uma alternativa da transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo, fazendo com que a existência humana seja colocada diante de si mesma e possa, assim, ultrapassar-se, isto é, ir além ou transcender.

Heidegger afirma que “só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada na medida em que ela singulariza. Essa singularização retira o ser-aí de sua decadência e lhe revela a autenticidade e a inautenticidade como possibilidades de seu ser”.<sup>8</sup> Observe:

É o fenômeno da angústia que, dissolvendo o sentido público, mediano e impessoal dos entes intramundanos, lança o Dasein diante da liberdade e da responsabilidade de singularizar-se na escolha de suas possibilidades próprias. Se, do ponto de vista ôntico, o Dasein encontra-se inicialmente num modo de ser impróprio e impessoal, tomando-se por um ente cujo modo de ser é simplesmente dado, a singularização apontada com o fenômeno da angústia só é possível porque, do ponto de vista ontológico, o Dasein já é sempre originariamente a abertura em que se dá o "estar em jogo" do ser. Mesmo numa atitude imprópria e impessoal, o Dasein sempre precede a si mesmo por já ser-no-mundo.<sup>9</sup>

Heidegger nos apresenta o desvelar como um meio para o fenômeno da angústia na qual, através dela, é possível sair da acomodação da vida cotidiana. Somos acomodados na morada do cotidiano pensando estarmos seguros nela. A percepção da angústia pode auxiliar na ressignificação da existência a partir do cotidiano.

### **Produção da presença/ produção de sentido**

Gumbrecht apresenta a relação entre sujeito e objeto no livro “Produção de presença” (2010), na qual traz a desmontagem do paradigma cartesiano sujeito/objeto, o

<sup>8</sup> Heidegger, 2012, p. 255.

<sup>9</sup> Heidegger, 2012, p. 255.

qual apresenta um excesso de espiritualidade em relação à corporeidade e à materialidade representadas pelo objeto, pois a relação entre a existência humana e o mundo é vista apenas sob a ótica de um sujeito que pensa e, por consequência, é capaz de “criar” a esfera material.

Isso, de certa forma, conduziria a cultura ocidental a um estado de alienação ao mundo, uma vez que aquilo que está presente, que tem existência independentemente desse sujeito pensante, parece diluir-se nas ideias. Para trabalhar esse pensamento conflituoso da existência humana, de ser vista apenas pelo caráter da idealização, Heidegger, em seu livro *Ser e o tempo* (2012), apresenta uma substituição para esse paradigma e traz um novo conceito de “ser-no-mundo”, que relaciona a autorreferência humana em contato com as coisas do mundo.

Essa correlação apresentada por Heidegger (2012) abre caminho para o processo de “desvelamento do ser”. É oportuno ressaltar que a palavra “ser”, no tocante a essa concepção heideggeriana, é retomada no contexto apresentado por Gumbrecht a fim de reforçar a concepção de coisa substancial. Acerca disso, enfatiza que “Ser-no-mundo é um conceito perfeitamente ajustado a um tipo de reflexão e análise que tenta recuperar a componente de presença em nossa relação com as coisas do mundo”.<sup>10</sup>

Diante disso, em seu livro, Gumbrecht (2010) apresenta a “presença” e se refere a uma relação espacial com o mundo e seus objetos, com isso, todos os objetos disponíveis em “presença” serão nomeados de coisas do mundo.

A “produção de presença” faz referência a “todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos “presentes” sobre corpos humanos”.<sup>11</sup> Ainda, de acordo com o autor, a presença é uma relação espacial, na qual as “coisas do mundo” mantêm algum tipo de impacto sobre o corpo e os sentidos do homem. Essa relação dos objetos no mundo com o ser humano refere-se a uma atitude cotidiana ou até mesmo acadêmica que atribuem ao fenômeno um valor além da condição da presença material.

O pensamento gumbrechtiano traz a cultura ocidental (tradição platônica) e moderna (Hegel) como uma cultura predominantemente de significado. Pensar em “produção de sentido” é perceber que a prática da representação dos significados sobre

---

<sup>10</sup> Gumbrecht, 2010, p. 91-92.

<sup>11</sup> Gumbrecht, 2010, p.13.

os objetos no mundo ocupava ambos os lugares de sujeito e do objeto. A partir do pensamento relacionado à “produção de presença”, é possível pensar que a cultura não se resume ao sentido de componente material e espacial da existência. Isto porque é justamente essa relação de objetos presentes sobre o corpo humano que irá redirecionar a significação entre o sujeito/objeto, ou seja, desconfigurar a relação do homem e do mundo como, simplesmente, esfera material.

A noção de produção de presença está relacionada com o conceito do *Dasein* (ser-aí), apresentado pelo filósofo alemão Martin Heidegger. O conceito retratado por ele no livro *Ser e tempo* (2012) traz a substituição do paradigma sujeito/objeto pelo novo conceito de “ser-no-mundo”, e faz com que a relação do homem com o mundo possa ser de autorreferência, compreender-se além do caráter espacial que os objetos ao seu redor proporcionam. A noção de “ser-no-mundo” trata o indivíduo como um ser que habita e convive no/e com o mundo e que não é apenas um simples organismo natural neutro e isolado localizado em um determinado espaço cultural.

Desse modo, esse trabalho leva-nos a perceber a obra de Kafka como um elemento de compreensão da obra como sujeito-produtor ou receptor dela, que parte de uma concepção “antissubstancialista” no intuito de destacar a presença desse objeto, o que nos permite afastarmo-nos do conceito/sentido de forma fixa, permitirmo-nos a sensação dessa vivência com a obra para, só assim, posteriormente, constituir o universo de significações sob o qual ela se nos mostra. Não é eliminar a dimensão de interpretação e produção de significado, mas ceder espaço para uma “produção de presença” que lhe é simultânea.

A leitura da obra de Gumbrecht (2010) permite que nos voltemos para a questão da “materialidade da comunicação”, que é apresentada por este como uma possibilidade para a percepção do fenômeno. Assim, a percepção dos objetos espacialmente caracteriza aquilo que o autor define como “produção de presença”. Isto significa que existe uma imposição do objeto em sua fisicalidade, fazendo com que o receptor vá além de uma questão que se limita tão-somente ao pensamento.

Trata-se de ressaltar os modos como o sujeito se percebe em relação aos objetos, esvaziando-se da consciência e abrindo caminho para a revelação da obra, que se mostra por si mesma, afastando-se de uma posição que atribui, ou busca apreender, o

significante de um modo apriorístico, ou seja, desconsiderando, em larga medida, a relação que se estabelece entre a obra e aquele/aquela que entra em contato com ela. Isto nos permite compreender melhor a “materialidade” da comunicação, [...], “são todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção do sentido, sem serem, eles mesmos, sentido”<sup>12</sup>, resultando assim em uma via de entendimento do mundo além da metafísica do sentido e mais relacionada com a vivência do fenômeno.

A busca para ir além da mera relação material entre os objetos e o mundo remete ao “efeito de presença” que se refere a todo tipo de eventos. Os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica com o impacto dos objetos ‘presentes’ sobre corpos humanos. A percepção da “produção de presença” auxilia-nos a investigar a dialogicidade entre Literatura e Filosofia centrada na percepção do leitor em relação ao texto literário, no nosso caso, a obra *A metamorfose* do escritor Franz Kafka.

A dialogicidade é compreendida como uma dimensão da ação e da reflexão e, com isso, apresentamos a Literatura e a Filosofia como campos que, ao serem enunciados no mundo, enfatizam a nossa existência, contribuindo para o agir e, conseqüentemente, a modificação do pensar, afinal a conversação entre Literatura e Filosofia vai além de uma simples apresentação de pensamentos ou mesmo da interpretação de uma obra literária pela perspectiva de algum pensamento filosófico. Ambas se complementam, se mesclam e fazem com que o texto possa ser visto e pensado pelas mais diversas percepções. Isto nos auxilia e nos ampara na visão do leitor para verificar as infinidades labirínticas que o texto kafkiano, enquanto objeto artístico, ganha, porém, nos concentrando no processo de percepção de “ser-no-mundo”.

A obra literária, portanto, traz a representação imagética de um mundo que se assemelha ao mundo real, porém, não se prende, apenas, à representação da construção entre a realidade e o fictício, mas proporciona um ambiente para que as projeções de ambos os espaços se encontrem e, a partir dessa interação, o pensamento do homem penetre nas mais diversas camadas espaciais que compreendem a realidade, o fictício e o que ele irá projetar mediante a experiência de vida. E, pensando na possibilidade do texto literário como meio para se apresentar acontecimentos que podem estar presentes na realidade do leitor, é possível visualizar a vida do protagonista de *A metamorfose*, a partir da relação do homem com a sociedade. Vejamos:

---

<sup>12</sup> Gumbrecht, 2010, p. 28.

O ser humano precisa ter o seu sono. Outros caixeiros viajantes vivem como mulheres de harém. Por exemplo, quando volto no meio da tarde ao hotel para transcrever as encomendas obtidas, esses senhores ainda estão sentados para o café da manhã. Tentasse eu fazer isso com o chefe que tenho: voaria no ato para a rua. Aliás, quem sabe não seria muito bom para mim? Se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do coração.<sup>13</sup>

A partir da percepção de insatisfação, é concebível cogitar no vínculo do homem com o mundo pela perspectiva do esvaziamento existencial, isto é, perceber que há o distanciamento/ amortização das sensações e emoções. O sujeito passa a realizar atividades, não porque sejam prazerosas, mas, sim, por obrigação.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa dedicou-se à leitura e análise da obra *A metamorfose* de Franz Kafka, com a qual traçamos um diálogo com o discurso gumbrechtiano, acerca da “produção de presença” e “produção de sentido”. Trazer a relação da Literatura e da Filosofia, pela perspectiva gumbrechtiana, é oportunizar pensar o texto como um objeto artístico, capaz de nos despertar para a compreensão do ser. Temos em mente que o despertar está associado à experiência de vida de cada leitor e, por isso, apreendemos esse processo, como um meio fenomenológico, atrelado aos fatos consuetudinários. É, pois, a partir da vida cotidiana que podemos nos ressignificar.

Diante disso, debruçamo-nos para a tendência existencialista que apresenta um percurso, na busca para compreender e relacionar a visão do existir do homem; para tanto, nos detemos ao pensamento heideggeriano do ser, partindo da ressignificação do “ser- aí” que ele apresenta. Assim sendo, foi possível analisar a situação da personagem, de forma inautêntica, sob a perspectiva de situações cotidianas que nos cercam, isto é, sempre estamos tão atarefados com trabalhos e na busca de ascender financeiramente e socialmente que o olhar para si, vai sendo deixado de lado.

---

<sup>13</sup> Kafka, 2018, p. 9.



## REFERÊNCIAS

GUMBRECHT, H. U. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Trad: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010;

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012;

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel António de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010;

HOBSHAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli- — São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Título original: Age of extremes: the short twenlieth century: 1914/1991.

INWOOD, M. 2002. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, ed. 44o, 2018;

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. 10 *Lições sobre Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2015. Kafka são Paulo 2009

**PATRÍCIA PILAR FARIAS** - Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Bolsista CAPES/PPGEL-UFPI, Especialista em Literatura Contemporânea pela Unidade de Ensino Superior do Sertão da Bahia (UESSBA) em 2017, Especialista em Gramática: Produção e Revisão Textual com Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME) em 2016, Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) em 2014.

**LUIZIR OLIVEIRA** - Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo em 2003. Professor Associado do Departamento de Filosofia, professor permanente do Mestrado Profissional em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí do qual, atualmente, é coordenador. Atua na área de filosofia com projeto de pesquisa em Ética, Estética e Filosofia Social. Dedicar-se à investigação temática da confluência entre Ética e Estética, com ênfase nas interfaces entre a Filosofia e a Literatura.